

PERGUNTAS PARA JOULES & JOULES

Jociele Lampert[1]
Paloma Oliveira de Carvalho Santos[2]
Camila Rodrigues Moreira Cruz[3]
Marco Giannotti[4]

QUESTIONS FOR JOULES & JOULES
PREGUNTAS PARA JOULES & JOULES

---

1 Professora Titular na Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente Professora Investigadora Visitante na FBAUL/CIEBA/ULISBOA. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009). Atua no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais PPGAV/UDESC. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/714990293123122. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0963-0925. E-mail: jocielelampert@uol.com.br

2 Artista visual e pesquisadora, professora adjunta do Instituto de Artes da Uerj (DTHA) e do PPGARTES-UERJ. Vem dedicando-se à investigação de obras estimuladas pelos fenômenos cromáticos e luminosos capazes de expandirem o pensamento pictórico para a dimensão corporal e para o espaço através da experimentação de diferentes meios e estratégias que integram prática e teoria, filosofia e técnica. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4150417300695515, ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2158-4223 e-mail: paloma.oliveira.santos@uerj.br

3 Artista Visual, pesquisadora e professora do Departamento de Desenho do curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFMG. Possui Pós-Doutorado em Artes Plásticas pela Escola de Comunicação e Artes - USP. É Doutora em Arts Plastiques pela Université Paris 1- Panthéon Sorbonne - França. É mestre em Arts Plastiques pela mesma universidade, Université Paris 1- Panthéon Sorbonne - França. Graduada com bacharelado e licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia. É professora Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais e professora permanente no Programa de Mestrado Profissional - Prof. Artes - Escola de Belas Artes - UFMG. Atualmente, é Diretora da Escola de Belas Artes da UFMG. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4577965193482567 ORCID: https://orcid.org/ 0000-0001-7427-0183 e-mail: camilarmcruz@hotmail.com

4 Pintor, professor da Escola de Comunicação e Artes da USP. Frequentou os cursos de desenho e gravura em metal ministrado por Sérgio Fingermann a partir de 1980. Em seguida, reside dois anos em Nova York, onde teve um contato direto com a produção contemporânea e com acervos dos museus. No final dos anos oitenta ganhou o prêmio aquisição do Salão Nacional de Artes Plásticas, no Rio de Janeiro e a Bolsa Ivan Serpa, da Fundação Nacional de Arte - Funarte, no Rio de Janeiro. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9886309524100476 ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3646-9217 e-mail: marcog@usp.br

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-11**, jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

PALÍNDROMO

RESUMO

Entrevista feita com Rafael Carneiro, Bruno Dunley e Daniel Xavier da empresa Joules & Joules, uma marca brasileira que produz tintas artesanais e desenvolve pesquisas sobre este material junto com artistas, físicos e químicos. Na entrevista é abordada a produção artesanal de tinta com pigmentos terrosos do solo brasileiro, uma iniciativa recente da empresa, apontando os processos de produção e os impactos desta pesquisa nos processos artísticos dos entrevistados.

Palavras-Chave: Tinta artesanal; Pigmentos terrosos; Produção de tintas; Joules & Joules.

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-11,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

Jociele Lampert, Paloma O.de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti

ABSTRACT

This interview was conducted with Rafael Carneiro, Bruno Dunley, and Daniel Xavier from Joules & Joules, a Brazilian company that produces handmade paints and develops research on this material in collaboration with artists, physicists, and chemists. The interview addresses the artisanal production of paint using earthy pigments from Brazilian soil, a recent initiative by the company, highlighting the production processes and the impacts of this research on the artistic practices of the interviewees.

Keywords: Handmade paint; Earth pigments; Paint production; Joules & Joules.

RESUMEN

Esta entrevista fue realizada con Rafael Carneiro, Bruno Dunley y Daniel Xavier de la empresa Joules & Joules, una marca brasileña que produce pinturas artesanales y desarrolla investigaciones sobre este material junto con artistas, físicos y químicos. En la entrevista se aborda la producción artesanal de pintura con pigmentos terrosos del suelo brasileño, una iniciativa reciente de la empresa, señalando los procesos de producción y los impactos de esta investigación en los procesos artísticos de los entrevistados.

Palabras clave: Pintura artesanal; Pigmentos terrosos; Producción de pinturas; Joules & Joules.

Jociele Lampert, Paloma O.de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-11,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

Proposição:
GRUPO COR - USP, ESTUDOS CROMÁTICOS - UFRJ, NEDEC - Núcleo DE ESTUDOS E ENSINO EM DESENHO CONTEMPORÂNEO - UFMG e ESTÚDIO DE PINTURA APOTHEKE - UDESC

- O trabalho que vocês vêm desenvolvendo em produzir e comercializar cores a partir das terras brasileiras nos parece muito importante, pois nós sempre ouvimos falar que as terras mais lindas são as italianas... Qual é o retorno que vocês têm recebido sobre este trabalho - como o público de artistas tem recebido a iniciativa? Contem para nós alguns comentários relevantes.

J&J (Rafael Carneiro)[5]**:** Quando começamos a produzir as tintas em 2020, descobrir as terras naturais foi uma grande surpresa pra gente. As tintas feitas com terra exigem todo um processo que vai desde a coleta no local, tratamento do material coletado através de uma técnica milenar chamada levigação que consiste em separar o que é pigmento do que não é, como matéria orgânica ou areia, esperar secar, moer com um pistão de pedra, enfim, todo um procedimento que nos conecta com os primórdios da tecnologia da produção de cor.

J&J (Daniel Xavier)[6]: É, e depois de preparar o pigmento seco para fazer a tinta, no caso da tinta a óleo, a gente descobriu toda uma variedade

5 Artista plástico, professor, Diretor da Joules & Joules e sócio fundador. Graduado em Artes Plásticas pela ECA-USP, realizou exposições individuais na Luciana Brito Galeria (SP), IK Projects Gallery (Lima), Galerie White Project (Paris) e Artur Fidalgo Galeria (RJ). Participou da 33ª Bienal de São Paulo (2018), do CCBB-RJ e da Pinacoteca do Estado de São Paulo, entre outras coletivas.

6 Produtor de tintas, professor, Diretor da Joules & Joules e sócio proprietário. Graduado em Educação Física pela Universidade Nove de Julho, une prática artística e experiência industrial — incluindo anos no setor de panificação, onde desenvolveu domínio sobre processos produtivos e controle operacional. Seu trabalho concentra-se na pesquisa de materiais e na produção técnica de tintas a óleo e acrílicas, com ênfase na escolha criteriosa de matérias-primas e na transmissão do conhecimento.

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-11, jun.2026-set.2026 Jociele Lampert, Paloma O.de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

de granulometria, de transparências e consistências que é própria das características físico-químicas de cada terra. Isso para o uso prático da pintora e do pintor traz inúmeras soluções materiais e linguísticas que não fazem parte do alfabeto das tintas feitas com pigmentos modernos sintetizados pelas grandes indústrias e laboratórios. Essas descobertas de possibilidades de uso dos materiais tem sido uma das nossas diretrizes de trabalhos juntos aos artistas, de apresentar através da nossa comunicação e cursos essa variedade que enriquece o vocabulário de uma pintura.

J&J (Bruno Dunley)[7]: Agora, pensando em uma comparação sobre a qualidade das terras italianas ou francesas com as terras brasileiras, começamos a estudar um pouco de geologia e conversar com profissionais da área. Descobrimos que o nosso país revela um potencial técnico e uma diversidade cromática que não apenas se equiparam às terras europeias, mas em muitos aspectos superam as tradicionais terras italianas e francesas.

Enquanto a tradição europeia é famosa pelos seus ocres, sienas e umbers (tons terrosos clássicos), o Brasil possui uma das maiores geodiversidades do mundo e isso se traduz em uma paleta mais ampla, que inclui desde brancos puríssimos, amarelos ocres vibrantes, vermelhos profundos (hematitas), violetas terrosos e até tons esverdeados raros em solos tropicais, como é o caso da nossa terra verde, Verdete São Gotardo.

J&J (Rafael Carneiro): As argilas encontradas em terrenos alagados no Brasil, por exemplo, são consideradas por especialistas como pigmentos praticamente puros, sendo extremamente finas e fáceis de usar

7 Artista plástico, professor, Diretor da Joules & Joules e sócio fundador. Graduado em Artes Visuais pela FASM-SP, participou da 33ª Bienal de São Paulo (2018) e de mostras no Instituto Tomie Ohtake, MAC-SP, Galeria Nara Roesler e CAIXA Cultural, entre outras. Possui obras nas coleções do MAC-SP, MAM-SP, Pinacoteca do Estado e Instituto Itaú Cultural. Como professor, atuou no Instituto Tomie Ohtake, Casa do Saber e Sesc, e integrou iniciativas socioculturais na Cidade Tiradentes e junto à Fundação Casa.

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-11, jun.2026-set.2026 DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

Jociele Lampert, Paloma O. de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti

após a levigação. Por outro lado, muitas terras de barrancos podem exigir mais processamento devido à presença de calcário ou minérios brutos.

J&J (Bruno Dunley): Os solos brasileiros são ricos em óxidos de ferro, como hematita e goethita, e em manganês, o que garante pigmentos com alta estabilidade à luz e resistência química. A escala continental do país abrange biomas e formações geológicas distintas que vão desde o solo vulcânico do Sul às terras ricas em ferro de Minas Gerais e às argilas coloridas do Nordeste. Essa característica geológica do nosso país oferece um "catálogo" natural quase que infinito. Acho que a principal diferença em relação às terras europeias não está na qualidade técnica dos materiais, mas sim em uma questão da tradição que as terras europeias carregam dentro da história da arte ocidental. Enquanto as terras italianas e francesas são exploradas comercialmente há séculos, a riqueza mineral brasileira ainda é um campo vasto para artistas locais e pesquisadores contemporâneos que buscam uma identidade da cor através das terras locais.

J&J (Daniel Xavier): Às terras brasileiras oferecem uma nova fronteira de possibilidades estéticas e sustentáveis, conectadas aos biomas brasileiros que ainda é pouco experimentada e consolidada na paleta da pintura brasileira.

Pensando em termos geológicos, nós temos a Formação Barreiras que se estende próxima ao litoral brasileiro por quase toda a costa leste e nordeste, do Rio de Janeiro ao Amapá. Temos o Quadrilátero Ferrífero, localizado na região central de Minas Gerais, que abrange cidades como Ouro Preto, Mariana e Congonhas. Na região sul e sudeste ainda temos os Derrames Bálticos ricos em terras roxas presentes nos estados do Paraná, São Paulo e Santa Catarina. Temos também as Bacias Sedimentares do Nordeste, principalmente na Chapada do Araripe e na Parnaíba que nos oferecem amarelos muito claros, rosas suaves e é muito rica em variedades de brancos. As Regiões de Tabatinga no Amazonas nos fornecem ainda argilas de deposição dos fundos dos rios que são tra-

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-11, jun.2026-set.2026 Jociele Lampert, Paloma O.de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

dicionalmente utilizadas por povos indígenas para pinturas corporais e cerâmicas devido a sua textura sedosa e brilho após a secagem. Ou seja, temos muito o que pesquisar e compartilhar para firmar as cores brasileiras em uma tradição nacional e internacional.

- Quando vocês passaram a interessar-se particularmente pelos pigmentos brasileiros, vocês consideraram que esta abordagem iria ter influência na produção artística de vocês?

J&J (Bruno Dunley): No meu caso, eu não tinha uma ideia inicial sobre o impacto que esses pigmentos brasileiros teriam na minha pintura. Muitas vezes as pesquisas realizadas na Joules interferem na nossa prática de ateliê e em outras a nossa prática de ateliê faz com que tenhamos curiosidade de desenvolver pesquisas no laboratório da Joules. Acho que o mesmo acontece com o Rafael.

O que ocorre hoje é que eu não consigo mais pensar a minha pintura sem levar essa experiência com pigmentos de terra natural em consideração. Verdete São Gotardo e Turmalina Negra são hoje, por exemplo, cores essenciais no meu ateliê. O Verdete é ótimo para dessaturar azuis e verdes ou mesmo puro, ele possui uma consistência mais argilosa e uma transparência sem igual. A Turmalina Negra já traz um tamanho de grão e transparência tão superiores a qualquer preto industrial, que ajuda muito a pensar a cor para além de sua tonalidade.

J&J (Rafael Carneiro): Eu fiquei encantado com a maneira como os pigmentos de terras podem trazer soluções materiais e ópticas tão variadas. Algumas cores como a Turmalina Negra se assemelham ao uso de médiuns, justamente por mudarem tanto o comportamento da mistura de tintas quanto a manipulação de granulometrias diferentes. Questões como brilhante e fosco, transparente ou opaco, texturas intrínsecas a cada pigmento passaram a fazer parte do nosso vocabulário de pintor. Foram ferramentas novas que a gente descobriu.

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-11, jun.2026-set.2026 Jociele Lampert, Paloma O.de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

- Soubemos que, além de trabalhar com artistas, vocês estudam com físicos, químicos e restauradores... Como está sendo esta experiência? Comentem e nos apresentem exemplos deste trabalho.

J&J (Bruno Dunley): Quando a gente começou as nossas pesquisas, logo percebemos a importância de conhecer e trocar com pessoas especializadas em química, física, geologia e conservação e restauro. Tivemos a sorte de encontrar muita gente disposta a nos ajudar e hoje contamos também com uma consultoria de um químico especializado em materiais de arte. Nos últimos dois anos, a gente tem se dedicado bastante a fortalecer um contato com profissionais de conservação e restauro de várias cidades do Brasil como Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

J&J (Rafael Carneiro): São pessoas que se dedicam a questões microscópicas com saberes sobre insumos, reações e tecnologias que vão muito ao encontro de curiosidades e responsabilidades que a nossa produção de materiais nos traz. A primeira figura importante que conhecemos foi um dos nossos primeiros fornecedores de pigmentos, o Ricardo de Lima da Microxcolor. Ele é um químico de formação que há décadas trabalha com importação e distribuição de pigmentos para vários setores da sociedade. O Ricardo, quando moço, trabalhou em uma empresa farmacêutica, onde seu primeiro trabalho foi fechar tubos de pomadas. Foi o Ricardo que ensinou a gente a fechar o tubo de tinta do jeito certo. Ele nos recebeu com entusiasmo e nos contou muita história do mundo dos pigmentos, nos apresentou certas máquinas, a dispersão pigmentária que é uma concentração de pigmento líquido. Outra figura que foi muito importante para a gente é o Caetano Ferrari, que nos recebia todo mês em seu escritório aqui em São Paulo. Além de nos apresentar o funcionamento do mundo comercial das tintas importadas, feiras de materiais, o Caetano ficava muito preocupado em saber como a gente

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-11**, jun.2026-set.2026 Jociele Lampert, Paloma O. de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

poderia ser um projeto sustentável que perdurasse no tempo e que de alguma maneira pudesse suprir esse desejo de gerações de artistas por materiais de qualidade no país. Foi o Caetano que nos deu o tamanho da responsabilidade histórica em que a gente estava se metendo. Ele nos ajudou muito e hoje parte do acervo de livros que ele tinha sobre materiais artísticos pertence à empresa Joules & Joules.

J&J (Bruno Dunley): A nossa vontade é conseguir cada vez mais estreitar essa relação com cientistas e poder servir de parceiros de pesquisas, já que temos a possibilidade de ter contato com diversos insumos e modos de produção de materiais artísticos. A gente acredita na construção dessa rede e no fortalecimento da pesquisa dessa área no país, mesmo sabendo que é sempre um trabalho de formiguinha. Elizabeth Kajiya, Márcia Rizzutto (USP), Isolda Mendes (UFMG), Luiz Souza (CECOR - UFMG) e Giulia Giovani (UFMG) foram alguns desses especialistas com as quais tivemos contato e aprendemos muito.

4- Vocês vão a campo pesquisar, extrair terras/pigmentos para produzirem as tintas. Sabemos que a terra se manifesta como matéria, memória e cultura de uma região ou de um povo, podendo ter modificações naturais e/ou, algumas interferências humanas. Há algum desejo ou investigação poética nesse processo de captação de matéria-prima, se assim podemos dizer, para a busca de singularidade na produção de uma nova gama de cor/pigmento?

J&J (Daniel Xavier): A gente gostaria de ter uma linha de terras naturais mais ampla do que temos hoje e que pudesse representar com mais potência essa diversidade e qualidade do solo e das histórias do território brasileiro. Essa pesquisa de campo nos exige articulação com pessoas que possam e topem abrir a porteira de suas casas para a gente coletar as terras, exige planejamento de tempo de trabalho e de recursos para poder viajar. É toda uma organização que pretendemos seguir com o

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-11, jun.2026-set.2026 Jociele Lampert, Paloma O.de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

tempo e transformar toda essa experiência em publicações que possam contribuir com o fortalecimento da cultura do material em nosso campo.

Temos muito o que aprimorar em termos de pesquisa de solo, pesquisa química, comparações com terras de outros países.

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-11, jun.2026-set.2026 Jociele Lampert, Paloma O.de C. Santos, Camila R. M. Cruz e Marco Giannotti
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016

1) **Agência de pesquisa financiadora da pesquisa** - Não houve financiamento para a pesquisa.

2) **Declaração de conflito de interesses** - Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

3) **Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores** (CRediT - Contributor Roles Taxonomy) – para o caso de artigos com mais de um autor:

Concepção do trabalho: Jociele Lampert, Paloma Oliveira de Carvalho Santos, Camila Rodrigues Moreira Cruz, Marco Giannotti

Elaboração das perguntas: Jociele Lampert, Paloma Oliveira de Carvalho Santos, Camila Rodrigues Moreira Cruz, Marco Giannotti
Envio das questões para os entrevistados: Jociele Lampert

4) **Declaração de Uso de Inteligência Artificial**

Durante a preparação, organização, realização e escrita do manuscrito não foi utilizado inteligência artificial.

Data de submissão: 29/04/2026
Data de aceite: 15/10/2026
Data de publicação: 02/12/2026

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-11,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234618452026e0016